



Sarney, Jô

O mediador 24 NOV 2003 CORREIO BRAZILIENSE

Na terça-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva autorizou o fatiamento da reforma tributária e avisou ao PMDB que deixaria a reforma ministerial para o final do ano ou início do ano que vem. Na quarta-feira, o senador Antonio Carlos Magalhães (BA) ensaiou textos de retratação com alguns amigos para evitar um pedido de expulsão do PFL feito pelo presidente do partido, senador Jorge Bornhausen (SC). Na quinta-feira, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Maurício Corrêa, foi informado de que seu encontro com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para discutir o Poder Judiciário acontecerá antes da viagem de Lula ao Oriente Médio, marcada para o início de dezembro.

Reunidas acima, estão as quatro principais querelas políticas do momento: a sempre adiável reforma ministerial, a complicada reforma tributária, o racha no PFL e as rugas entre os chefes do Judiciário e do Executivo. Há um personagem comum a todos esses temas: o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). Em cada um desses episódios, Sarney foi personagem importante. Sempre no mesmo papel, o de mediador dos conflitos.

O presidente do Senado adora esse papel. E é impressionante com sabe cumpri-lo, mesmo quando, a princípio, não reunia as melhores credenciais para tal. Tome-se, por exemplo, o caso das negociações para a entrada do PMDB no governo. Sarney é, sem dúvida, um líder respeitado do partido. Mas a verdade é que ele exerce pouco comando sobre os peemedebistas. Sua influência é maior sobre o PFL do que propriamente sobre o PMDB. Como Sarney corrigiu esse problema para se tornar o principal interlocutor peemedebista no Palácio do Planalto? Simples: conquistando, desde a campanha

presidencial, a confiança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da sua cúpula.

Com a derrocada da candidatura de Roseana Sarney à Presidência, tornou-se entusiasmado com o cabo eleitoral de Lula. Logo depois de tomar posse da presidência do Senado — Lula ainda dando seus primeiros passos na administração do país — disse, em entrevista a *Correio*, que estava inteiramente engajado no projeto de reeleição do presidente. Assim, virou interlocutor não por escolha do PMDB, mas por escolha do Planalto. Hoje, são os peemedebistas que sabem que qualquer jogo com o governo tem de passar por José Sarney.

É a mesma confiança depositada pelo governo que o torna o mediador na disputa Lula-Maurício Corrêa.

Elevada a ruga às alturas, os bombeiros de plantão imaginaram a casa de Sarney como campo neutro para o encontro que Corrêa sugeriu e que Lula interpretou como uma indevida convocação.

No caso do PFL, a mediação acontece por conta do comando de Sarney no partido. O Partido da Frente Liberal surgiu de uma dissidência no PDS, o partido que apoiava a ditadura militar comandada então pelo general João Batista Figueiredo. Os principais comandantes dessa dissidência eram Sarney, Jorge Bornhausen, Marco Maciel e Antonio Carlos Magalhães. O próprio Sarney conta, em um livro publicado pelo PFL, que foi para o PMDB porque isso facilitava a formação da chapa com Tancredo Neves na eleição indireta. Sua intenção era mudar-se para o PFL depois da eleição. Mas Tancredo morreu, ele assumiu a presidência e julgou que não seria legítimo deixar o PMDB. Ficou no partido. Está lá até hoje.

Na representação feita por Bornhausen pedindo a expulsão de ACM do partido, ele conta agora que foi Sarney quem lhe pediu que aceitasse o senador baiano na agremiação. Fica clara, portanto, a mediação do atual presidente do Senado já na formação do PFL, há quase vinte anos. Natural que, agora, ACM fosse pedir a sua ajuda na crise com Bornhausen.

Como se sabe, a semana no Congresso começa na terça e termina na quinta. Na terça, eram com Sarney que discutiam as reformas constitucionais e a reforma ministerial. Na quarta, era com Sarney que ACM buscava uma forma de sair da confusão em que se meteu no PFL. Na quinta, era com Sarney que Maurício Corrêa buscava contornar suas desavenças com Lula. Ou seja, no momento, as crises, para serem resolvidas, passam pelo gabinete do presidente do Senado.

**NO
MOMENTO,
AS CRISES,
PARA SEREM
RESOLVIDAS,
TÊM DE
PASSAR PELO
GABINETE
DO
PRESIDENTE
DO SENADO**